

Trajatórias do marxismo europeu, uma resenha

MUSSE, Ricardo. *Trajatórias do marxismo europeu*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023.

Leonardo da Silva¹

A obra de que trata esta resenha, de autoria de Ricardo Musse, é uma apresentação didática, clara e densa do percurso do marxismo na Europa. Ao invés de uma exposição da relação dos movimentos sociais com o marxismo, a obra expõe o que seriam os fundamentos das principais correntes teóricas da tradição intelectual marxista, sem perder de vista que mudanças históricas pedem mudanças teóricas, atualizações na teoria. O autor é livre-docente em sociologia da USP, universidade na qual obteve seu título de doutor em filosofia.

Exporemos o livro conforme sua ordem de capítulos, que seguem ordem quase sempre cronológica:

1. A dialética como discurso do método

Musse inicia comentando a criação do marxismo ortodoxo como uma forma de rebater o revisionismo de Bernstein, no que ficou conhecido como terceira internacional – em oposição à segunda internacional que defendia um Marx sem Hegel. É daí que Lukács parte na história e consciência de classe, buscando fundamento em Lênin e Rosa Luxemburgo para assentar um método basilar para o marxismo: dialética. Doravante, destaca o autor, qualquer obra que se pretenda herdeira do legado de Marx deveria dar conta do método, do mundo em que se inscreve e da história do próprio marxismo. O que precede a discussão de Lukács é o livro *Anti-Duhring* de Engels, no qual considerações metodológicas aparecem junto do projeto de

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: leonardexistimans@live.com

erguer leis da dialética a partir da natureza, método que se oporia à fixidez da metafísica que se prende a um mundo fixo, sem movimento. Apesar disso, diz Musse, Lukács rejeita a ênfase no materialismo por considerá-la conivente com o mecanicismo e cientificismo burguês (que se prende ao imediatamente dado, i.e., ao reificado), pois Engels havia louvado a atividade prática (entendida como indústria) como forma de realização da filosofia e critério da verdade. Contra Engels, ele defendeu um marxismo ortodoxo preocupado com a unidade de teoria e prática, a totalidade e uma dialética restrita ao âmbito da história humana. Musse conclui que Lukács põe as bases para o que depois foi chamado de marxismo ocidental.

2. Ciência ou filosofia?

Musse apresenta Gueórgui V. Plekhánov, que pensou: a filosofia irá dar lugar a ramos de investigação científica; e o marxismo como um tipo de ciência da história. Na mesma esteira, Vladimir Lenin não deixará de destacar esse aspecto filosófico, discutindo problemas do conhecimento e da natureza da realidade em seu *Materialismo e Empirocriticismo*, entendendo o materialismo dialético como um ramo a parte de investigação, focado em metodologia filosófica.

Outro destaque, para Musse, foi Rudolf Hilferding, que inicia um caminho tendencioso ao revisionismo, pois pensa a política como um campo científico de investigação, criando um abismo entre teoria e prática que será solo fértil para Eduard Bernstein, que separa a “doutrina pura” marxista (enquanto núcleo científico) das aplicações dela e faz concessões a teoria marginalista do valor (ao lado de críticas ao determinismo econômico e do que considerou postulados morais) no intuito de reformular o marxismo para fazer a apologética das lutas por direitos da social-democracia e um diálogo com o kantismo.

Musse destaca que Lukács, em *História e consciência de classe*, confronta Bernstein ao enfatizar a importância do método sobre os fatos, resgatando a dialética e diferenciando a forma burguesa de

conhecimento da marxista. Horkheimer, alinhado com Lukács, critica o modelo burguês de cientificidade, propondo a “teoria crítica” como alternativa, embora não enfatize tanto a distinção de classe. Ambos contestam a separação entre fato e hipótese, teoria e experiência, promovendo uma visão crítica da ciência e da sociedade.

3. De Friedrich Engels a Rosa Luxemburg

Nesse capítulo, Ricardo Musse volta a explicar a importância de Engels que, durante 15 anos do fim do séc. XIX foi o maior representante do materialismo, ao ponto de se destacar em alguns âmbitos para além do próprio Marx. O *Anti-Duhring* é uma virada no pensamento de Engels (consolidada pelo peso da obra derivada dessa: *O socialismo científico*) que será depois elaborado na obra inacabada *Dialética da Natureza*, na qual ele tenta organizar as descobertas das ciências (então emergentes, como a fisiologia, embriologia e geologia) com a filosofia dialética. Esse novo projeto, explica Musse, vem no momento em que o idealismo alemão perdeu espaço no *maistream* intelectual para o materialismo vulgar e o cientificismo; doravante, Engels buscou uma concepção histórica da natureza compatível com a dialética, o que, adverte Musse, é um projeto arriscado, uma vez que a ciência sempre está em mutação.

Musse destaca que a obra de Engels nesse fim de século também inclui diversos prefácios que esse redigiu com objetivos mais amplos do que apenas comentar a obra de Marx. Esses prefácios são atualizações e compilados da tentativa unificadora de compreensões dialéticas e científicas em uma história universal. Por exemplo, observa Musse, o prefácio de 1890 traz a afirmação de Engels de que então era possível ver a realidade daquilo que antes era uma simples semente: o mercado mundial; além disso, o mesmo prefácio traz uma mudança acerca da esperança na força revolucionária da Inglaterra, que passou para a Alemanha. O prefácio mais importante, segundo Musse, é de 1895 no qual Engels faz um balanço da revolução de 1848 na França

e afirma que a situação está ainda mais propícia em 1895, uma vez que o crescimento capitalista havia estagnado, o marxismo já não tinha nenhuma teoria rival à altura e o movimento operário encontrava meios de ação no sufrágio universal e nos partidos social-democratas.

Musse destaca a importância de Karl Kautsky, que teve sua vida e obra ligada ao partido social-democrata e teve uma boa amizade com Bernstein. Sua contribuição ao marxismo se caracteriza pela tentativa de integrar o legado de Charles Darwin nessa teoria, tendo como resultado um fatalismo e determinismo biológico que só é atenuado pelo seu, igualmente grande, historicismo. No âmbito político, Kautsky entendeu que há divergente origem entre o movimento operário do socialismo, mas que, não obstante, devem inevitavelmente se unir. Além disso, Kautsky ficou conhecido por uma subordinação do marxismo à ideologia do partido. Tal tendência seria ainda mais amplificada pelo seu amigo Bernstein que avaliava ser pouco viável qualquer tomada de poder pelo proletariado, pois julgava haver crescimento na qualidade de vida, participação política, proliferação de pequenos e médios capitalistas e proprietários e crescimento de formas econômicas que poderiam ser transformadas em formas socializadas. Bernstein ficou conhecido por tentar rever o marxismo, pois compreendeu a teoria do valor como uma construção lógica sem conteúdo na vida concreta, considerou uma parte da visão comunista de Marx como sendo utópica e critica uma suposta desconsideração de fatos empíricos. Bernstein defendeu um socialismo não científico, mas ético, focado na efetivação de um mundo baseado em juízos de valor.

Musse afirma que, além de Lukács, Kautsky elaborou uma dura crítica em seu *Anti-Bernstein*, que vendeu e recebeu várias traduções. Mas a resposta que ganhou mais destaque foi feita por Rosa Luxemburgo em *Reforma social ou revolução?* Rosa buscou reconciliar um programa de reformas com o de lutas revolucionárias, pois, observa ela, toda classe ascendente soube usar tanto a reforma (para se fortalecer) quanto a revolução (para tomar o poder). Nesse aspecto, poderia parecer que ela não estava tão distante de Bernstein, que acreditava que as reformas

seriam o caminho para fortalecer o proletariado, todavia, a obra se encaminha diretamente para refutar esse autor, tocando em pontos como a impossibilidade de autorregulação harmônica da sociedade pela burguesia, ausência de elementos socializantes na legislação trabalhista e a fragilidade das democracias burguesas ao longo do tempo. Bernstein acreditava numa tática defensiva de luta, criticando o uso de greves massivas e focando em eleições e parlamento. Kautsky, por sua vez, havia se empolgado com a Revolução Russa de 1905 e afirmava ser impossível uma transição suave para o socialismo. Apesar disso, Kautsky insistia na necessidade de organização das massas e considerava a luta direta algo a ser guardado para o momento certo (refletindo uma concepção de que a rev. Estava distante). Embora próximos, Rosa e Kautsky divergiram a partir de 1906, com a publicação de *Greve de massas, partido e sindicatos* no qual Rosa vai contra as diretrizes do partido social-democrata com a afirmação de que não é a greve e a organização que produz a revolução, mas o contrário: a revolução produz a greve a organização. Com isso, Rosa coloca em relevo as massas desorganizadas (criticando que se tenha posto em movimento somente uma parcela privilegiada do proletariado) e a mobilização constante (pois, afirmava que a revolução se aprende na prática). Por fim, conclui Musse, Rosa e os teóricos seguintes passaram a rejeitar a doutrina do socialismo científico para adotar a de uma teoria revolucionária. Assevera, ainda, que entre os marxistas pouco consenso havia e um deles era sobre a primazia da prática, enquanto Bernstein e Kautsky focavam na prática partidária Rosa Luxemburg enfatizava a ação revolucionária.

4. De Gyorgy Lukács a Max Horkheimer

Nesse que é o penúltimo capítulo, Musse destaca que, nos anos que seguem à Revolução Russa o marxismo estava se fragmentando até que surgem as obras de Lukács, Karl Korsch e de Antônio Gramsci

para resgatar a unidade, os dois primeiros dando uma ênfase no método marxiano e na teoria da revolução.

Lukács, em *História e consciência de classe* (1923) dialoga com a sociologia de então (como Max Weber e Ferdinand Tönnies) para construir uma compreensão da subjetividade, tema que, afirma Musse, ainda havia sido pouco elaborada na tradição marxista, uma vez que ainda não haviam sido publicados diversos textos de juventude de Marx e Engels. Nessa obra, Lukács elabora uma teoria do conhecimento que dá privilégio epistêmico ao proletariado enquanto classe (não enquanto sujeito individual), que, por sua posição social de mercadoria produtora de mercadorias, é o único sujeito (transindividual) capaz de apreender a totalidade (de um mundo no qual tudo é mercadoria). Essa força epistêmica, todavia, está condicionada pela força política: somente ao negar a si mesmo, ao superar na prática a própria divisão de classes é que esse saber pode se efetivar. De outro lado, a atitude e prática burguesa implica numa posição contemplativa, passiva e racionalizante ante o mundo, reafirmando e se sustentando no fetichismo da mercadoria.

Já Karl Korsch, conforme Musse, em *Marxismo e filosofia* (1923) observou que havia uma lacuna nas obras de história da filosofia que era a não inclusão dos jovens hegelianos e de Marx como um momento fundamental. Sua obra marca o que depois seria chamado, por ele próprio, de marxismo ocidental e mesmo sem as obras mais filosóficas de Marx (ainda não publicadas) ele reconstrói as bases de uma filosofia marxista que nasce do e se opõe ao idealismo alemão. Korsch direcionou a filosofia marxista ao combate cultural, prático e econômico; combateu o marxismo vulgar da segunda internacional (o socialismo cientificista e não-dialético); e criticou a terceira internacional junto ao marxismo leninismo, que ele considerava uma corrente russa de marxismo que retornava a discussões filosóficas ignorantes das contribuições de Hegel (criticando o *Materialismo e empiriocriticismo* de Lenin) e do conluio da intelectualidade burguesa com o materialismo naturalista.

Por fim, Musse destaca Max Horkheimer, em seu *Teoria tradicional e teoria crítica* (1937), obra que dá voz ao movimento nomeado “escola de Frankfurt”. Tal livro, afirma Musse, é marcado pela ascensão do nazismo, do stalinismo e do capital monopolista (que se oporia ao capital concorrencial), de modo que Horkheimer não acredita na força revolucionária e, por conseguinte, não compreende o marxismo como teoria da revolução, mas como uma teoria. Ao contrário do que chamou de teoria tradicional, a teoria marxista é aquela que resiste as imposições da cultura, do estado e do mercado como forma de se opor à reificação típica da sociedade capitalista e por isso é teoria crítica. Seu projeto intelectual consistia em buscar a conexão entre economia, vida psíquica e a cultura (para explicar a submissão dos indivíduos à autoridade e ao poder), abrindo portas para um diálogo com diversas vertentes teóricas como marxismo, filosofia existencial e sociologia. No que toca a política, não há qualquer projeto positivo, antes, há uma retirada para o âmbito teórico e uma rejeição do proletariado como sujeito. O sujeito passa a ser os intelectuais críticos, rejeitando, assim, a posição de Korsch e Lukács de que o ponto de vista do proletariado é fundamental para atingir conhecimento verdadeiro.

5. Excurso: a construção do marxismo ocidental

Musse conclui seu livro discutindo as tentativas de descrever o marxismo europeu como uma corrente única de pensamento. O primeiro deles vem com Maurice Merleau-Ponty, que adotou, em 1955, o adjetivo *ocidental* como um substantivo que descreveria a acolhida do pensamento de Max Weber pelos marxistas. Essa abordagem do marxismo europeu ficou ainda mais disseminada com a obra de Perry Anderson de 1974 *Considerações sobre o marxismo ocidental*, na qual Anderson entende um excessivo foco na cultura e filosofia (com destaque para epistemologia) em detrimento de análises sobre economia e política. O ponto de unificação dos diversos marxismos num único (o ocidental) seria geográfico, temporal (ano de nascimento

e conversão ao marxismo) e fático abandono da prática política. Anderson contrasta o marxismo ocidental com autores como Lenin e Rosa. Seguindo a mesma linha, afirma Musse, Alvin Gouldner e Michael Lowy acrescentam uma suspeita de que tal marxismo estaria se aburguesando.

Não obstante, Musse explicita a posição de Goran Therborn nesse debate, com quem possui mais concordância, pois, contrário a Perry Anderson, não elaborou um confronto em blocos de autores e reconheceu o movimento não como causado pela derrota das tentativas revolucionárias, mas pela vitória da Revolução Russa de outubro. Musse se mantém cético quanto a essas tentativas de unificar os diversos autores e movimentos em um único rótulo, pois irá inevitavelmente tomar a parte pelo todo, i.e., generalizar algo que era muito particular de um grupo em seu contexto histórico e geopolítico; por isso o autor preferiu denominar de marxismo europeu e não o pensar como um bloco único.

Pelo exposto, julgamos que o leitor teve um contado com as linhas gerais da obra. Aconselhamos fortemente a leitura pois se trata de um livro sucinto, objetivo e rico em referências e detalhes que não foram possíveis de abordar aqui. Todavia, a obra termina sua reconstrução em Horkheimer, deixando várias décadas intocadas.